

Rocha Azevedo volta a criticar limite máximo fixado pelo Banco Central

por José Carlos da Silva
de São Paulo

O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo, voltou a criticar, ontem, o limite máximo de US\$ 150 milhões, fixado pelo Banco Central (BC) para conversão de dívida em capital de risco via leilão de deságio. Rocha Azevedo, que esteve participando do seminário "A conversão da dívida em Investimentos", promovido pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil, disse que esse montante é pouco para que haja um grande impacto na base monetária.

Num discurso de quatro páginas, Rocha Azevedo considerou avançadas as regras da conversão estabelecidas pela Resolução 1.460 do BC, mas voltou a condenar a intervenção do governo na economia e o déficit público. "Há quase unanimidade na sociedade brasileira de que é fundamental para a reorganização da economia o saneamento das contas públicas", disse Rocha Azevedo em seu discurso.

O presidente da Bovespa também afirmou existirem hoje cerca de 5 mil empresas em condições de participar do mercado de ações, o que, segundo ele, representa cinco vezes mais o total de companhias abertas. "A entrada dessas empresas no mercado, entretanto, permanece condicionada à recuperação dos negócios com ações, que registraram fortes quedas no ano passado", ponderou.

Rocha Azevedo acredita que em razão do aquecimento do mercado de ações os administradores de fundos de conversão poderão ficar fora do leilão, à espera de que o mercado se acentue.

Rocha Azevedo destacou ainda o sucesso do primeiro leilão de conversão realizado no último dia 29 de

março na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro e o lançamento do Fundo Brasil, o que, segundo ele, indica uma nova relação entre os capitais privados brasileiros e privados internacionais. Para o leilão realizado ontem na Bovespa, Rocha Azevedo estimava um deságio em torno de 30% para as áreas livres e de 15 a 16% para as incentivadas, da Sudam, Sudene, Espírito Santo e Vale do Jequitinhonha.

MERCADO SECUNDÁRIO

O diretor do Bankers Trust Company, Roberto Bastos, afirmou que o encaminhamento da negociação da dívida externa brasileira, bem como a regulamentação da conversão da dívida, contribuiu para o aumento do valor dos títulos no mercado secundário externo. Bastos recorda que, no final de 1980, os títulos brasileiros chegaram a ser negociados quase que pelo seu valor de face. "Hoje, esses títulos têm sido negociados por cerca de 48 ou 49 cents por dólar, isto é, 52 e 51% de deságio, respectivamente, em relação ao valor de face. Bastos acrescenta que existe um total de US\$ 40 bilhões da dívida brasileira passíveis de negociação, mas não soube precisar o montante negociado pela instituição no ano passado.

Quanto à conversão de dívida por meio dos leilões de deságio, ele afirmou que o banco ainda não decidiu se participará do processo, pois depende do surgimento de bons projetos. "Estamos, inclusive, estudando a criação de um fundo de conversões", completa Bastos. Ele considerou razoável o deságio praticado no último leilão no Rio de Janeiro e considera positivo o limite fixado pelo BC para conversão, visando à não-expansão da base monetária.